

Música e ambiente hospitalar infantil: a educação musical pelo olhar do “musicar”

Paulo César Cardozo de Miranda¹

Universidade de São Paulo / ECA – PPG – Música

Doutorado em Artes/Música

SIMPOM: *Educação Musical*

paulomusik@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho está motivado pelos resultados parciais do estudo de campo que envolveu ações musicais em uma enfermaria onco-hematológica hospitalar infantil, estudo este que está inserido em contexto mais amplo, no âmbito da pesquisa de doutorado realizado por este pesquisador. Visa-se analisar, em recorte, dados obtidos com a pesquisa de campo que evidenciaram algumas das possíveis relações da educação musical com o conceito de “musicar”, elaborado por Small (1999). Os dados foram recolhidos em forma de depoimentos gravados em áudio pelos sujeitos, divididos em três grupos, a saber: crianças enfermas internadas, seus acompanhantes e profissionais das áreas de saúde e educação. As perguntas do formulário eram abertas e visavam obter informações referentes à saúde da criança, às suas relações com o fazer e/ou a ação da música na instituição de saúde em que se encontravam e ao ambiente hospitalar e sua humanização. As gravações foram realizadas após suas participações em sessões práticas de música que aconteciam individualmente ou em grupo, em diferentes espaços da enfermaria, e que se desdobravam em canções, jogos musicais tradicionais, improvisações com sons vocais ou com seus próprios nomes e com pequenos instrumentos/objetos sonoros por eles construídos. Para a análise dos dados foi utilizada a ferramenta quali/quantitativa do discurso do sujeito coletivo (DSC) (LEFEVRE, 2015), que gera discursos sínteses. Os resultados apontam que o processo do fazer musical ocorrido ensejou procedimentos de ensino e aprendizagem, derivados da atuação e do envolvimento das pessoas no ato de “musicar”. Espera-se que o estudo sirva a uma discussão mais ampla das problemáticas levantadas e que surjam novos estudos sobre o tema, assim como à elaboração de cursos e materiais de formação para os profissionais das áreas envolvidas. A pesquisa contou com o apoio da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*.

Palavras-chave: Educação Musical; “Musicar”; Promoção da Saúde; Humanização da Assistência Hospitalar.

Title: Music and Children’s Hospital Environment: Music Education Under the Look of “Musicking”

Abstract: This paper was motivated by the partial results of a field study that involved musical actions in a children’s hospital hematology-oncology ward. Said study is included in a broader context relating to the doctoral research conducted by the author. Our aim is to analyze in detail the data obtained from our field research, which have evidenced some

¹ Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Salles. Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

possible relationships between musical education and the “musicking” concept developed by Small (1999). Data were collected in audio interviews given by the subjects, which were divided into three groups, to wit: ill children hospitalized, their companions, and professionals of the health and education areas. The questions included in the form were open, and aimed at getting information about the children’s health, their relationship with the making and/or the action of music at the health institution in which they were hospitalized, and the hospital environment and its humanization. The interviews were conducted after their participation in practical music sections that took place individual or in groups, in different spaces of the ward, and which involved songs, traditional musical games, improvisations with vocal sounds or their own names, and small sound instruments/objects built by them. To analyze the data, we used a qualitative and quantitative tool of the discourse of the collective subject (DSC, acronym in Portuguese) (LEFEVRE, 2015), which generates synthesis speeches. The results indicate that the music-making process enabled teaching and learning procedures that stemmed from the actions and engagement of people in the act of “musicking”. We expect that this study leads to a broader discussion about the issues raised, and that new studies are conducted on the topic, in addition to the preparation of courses and educational materials intended for professionals of the areas involved. This study was supported by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Brazilian federal government agency.

Keywords: Music Education; Musicking; Health Promotion; Humanization of Assistance.

1. Introdução

O presente texto é parte integrante do projeto de pesquisa deste autor, em nível de doutorado. Propõe-se a apresentar reflexões a respeito das atividades de educação musical ocorridas em uma unidade hospitalar, tendo como foco uma análise crítica orientada pelo viés da música, da educação e da etnomusicologia. Visa-se analisar, em recorte, dados obtidos com a pesquisa de campo que evidenciaram algumas das possíveis relações da educação musical com o conceito de “musicar” elaborado por Christofer Small (1999).

Em razão das inúmeras situações não tradicionais no âmbito da educação musical, geradas pelo ambiente de um hospital, como exemplo a criança estar impossibilitada de levantar do leito para tocar, cantar, dançar, ou ter que fazer atividades estando isolada em um quarto, ou ainda não poder ter contato físico com outras pessoas devido ao risco de contaminação, observou-se a necessidade de processos pedagógicos mais afinados com uma educação criadora e criativa – que vai além da fôrma e da forma – e que, ademais, facultasse à pessoa envolvida possibilidades de se modificar.

Tais constatações se apoiaram em resultados empíricos obtidos previamente – entre outras, a pesquisa-piloto que testou as metodologias –, além de reflexões fundamentadas no fazer musical e no aperfeiçoamento das práticas e teorias, que foram sendo aprofundadas. Redimensionaram-se as bases do enfoque inicial, ampliando-as para acolher as múltiplas

experimentações possíveis da música disponíveis naquele ambiente, com a finalidade de se desenvolver uma experiência única, inovadora, significativa, como a que finalmente se deu.

Considerou-se a música e seu ensino e aprendizagem em um espaço de convivência, em que as transformações se dão de forma dialógica, compartilhadas entre os envolvidos nos processos de ouvir, de pensar, de refletir e de conviver, e não somente em processos de repetição ou ganho mecânico de habilidades em um instrumento, que se compreende, possam fazer parte do aprendizado musical em algum momento, contudo não deveriam ser sua principal finalidade ou objetivo único.

Constatou-se, portanto, que o fazer musical em uma unidade de saúde deveria estar amparado por diversas visões pedagógicas, redimensionadas para dar conta de abrigar as inúmeras possibilidades de experienciar a música, em diferentes níveis e naturezas, tanto disponibilizadas, como estimuladas por aquele ambiente. Essa avaliação permitia examinar o percurso metodológico à luz de princípios compreendidos em universos musicais distintos e variados, como o da saúde – universos que necessitam ser entendidos minuciosamente, independentemente de serem espaços formais, não formais ou informais de ensino e aprendizagem.

Tomou-se o cuidado de observar que o estudo abrangia os campos da música, saúde e educação, e que em muitos casos a compreensão de seus significados ou suas aplicações nem sempre são consensuais entre as áreas, ainda que recorrentes entre os autores em publicações dentro de seus domínios específicos. Em consequência, no decorrer da investigação de campo emergiram questionamentos sobre conceitos e temas, que foram mais profundamente discutidos para aumentar sua precisão e seu rigor, afinal, era imprescindível alicerçar as experiências sonoras/musicais/lúdicas que transcorreram no cotidiano da enfermagem hospitalar. Tais reflexões suscitaram a questão orientadora do presente texto, que enseja a compreensão das relações do fazer musical e seu processo educacional em uma unidade de saúde, conduzido pelos sentidos do “musicar” (SMALL, 1999).

2. Música não é “coisa”, é ação, atuação

Em virtude do exposto anteriormente, destaca-se que as acepções de Small estão entre os elementos teórico-práticos que consideramos adequados a uma aproximação ao ambiente e à comunidade encontrada na enfermagem de um hospital, oferecendo subsídios para

a apreensão de muitos fenômenos ali existentes. Reiteramos que diversas pedagogias foram fundamentais, tanto como referências práticas como teóricas, para o processo de investigação que se concretizou, contudo, recordamos que aqui se trata de um recorte dos dados registrados.

Small (1999) apresenta reflexões focadas no cenário contemporâneo do pensamento musical, assim como sobre suas implicações no meio sociocultural e no indivíduo, e busca ampliar as fronteiras dos campos ao redor de diferentes disciplinas envolvidas, interligando-as. Aponta, inicialmente, a necessidade de entender qual é a natureza da música e sua função na vida humana, considerando ser a música uma atividade humana universal e concreta. Para tanto questiona a própria experiência musical, seja como compositor, intérprete, ouvinte ou como educador, assim como a experiência de seus alunos (p. 1).

O autor destaca que para ele música não é “coisa”, e sim, atividade, algo que as pessoas fazem, portanto é necessário dirigir a atenção para a atividade que a música é. Enfatiza que aquilo que se tem valorizado não é a ação da arte, a ação de criar, ou de apresentar, ou de perceber, ou de responder, mas somente o objeto de arte (p. 2-3). Nesse sentido, enuncia que a natureza básica da música reside na ação, naquilo que as pessoas fazem, e assim, ao entender o que as pessoas fazem quando tomam parte em um ato musical, podemos começar a compreender a natureza da música e sua função na vida humana (p. 4-5).

Para Small, a atuação é algo mais rico e mais complexo do que a obra musical, e está constituída por um conjunto de relações em que os significados primários da música não são individuais, mas sociais, e não devem estar separados dos sons, porque são centrais para que se entenda a atividade que se chama música, sendo a atuação o foco da experiência musical. Atuação é qualquer acontecimento onde alguém canta ou toca, seja para si mesmo, seja para um pequeno grupo ou para um público de milhares de pessoas (p. 5).

Por conseguinte, se a música é ação, então a palavra “música” não deve ser substantivo, mas, sim, verbo – o verbo “musicar”. Musicar é fazer parte de uma atuação musical tocando, cantando, escutando, compondo, praticando, ensaiando ou realizando qualquer atividade que possa afetar a natureza desse encontro humano chamado atuação musical. Pode ser incluído o dançar, ou as ações do bilheteiro, da equipe técnica, inclusive, aqueles que limpam a sala, porque eles também estão contribuindo para a natureza do acontecimento, que é uma atuação musical (p. 5). O verbo “musicar” não trata de valores e, sim, de toda participação em uma atuação musical. É descritivo e não prescritivo. Como não faz distinção entre os músicos que tocam e os que assistem – pois também envolve a todos os que assistem –, estes

têm responsabilidade em sua natureza ou qualidade, no sucesso ou no fracasso do acontecimento, portanto, qualquer coisa que se faça, é feita junto (SMALL, 1999, p. 6).

Para efeito do presente texto, expõe-se que para Small a música é um fragmento da grande arte interpretativa que é o ritual e que o musicar deve criar uma rede complexa de relações que existirá enquanto dure a atuação. Envolvendo as relações sônicas estão as relações entre os músicos, entre esses e os ouvintes, e com todos os presentes. Tais relações podem acontecer em diferentes espaços físicos, tais como salas de concertos, escolas, casas, recordando o autor que o espaço físico cria o espaço social (p. 9-11).

3. Metodologia/Fundamentação

A fundamentação teórica está embasada nas visões sociais da música apresentadas por Small (1999). Por outro viés, está fundamentado no pensamento de educadores musicais, entre eles, Gainza (1988); Flusser (2013); Fonterrada (2008), Swanwick (2014).

Metodologicamente, propõe-se a discussão crítica, em recorte, dos resultados das atividades de educação musical realizadas em uma enfermaria de onco-hematologia, durante a pesquisa de campo. Os registros se deram em forma de depoimentos gravados em áudio pelos envolvidos, divididos em três grupos, a saber: crianças/pacientes internadas (com idade entre 6 anos completos e 12 anos incompletos), seus acompanhantes e profissionais da área de saúde e educação. As perguntas do formulário eram abertas e visavam obter informações referentes às suas relações com a ação da música na instituição de saúde em que se encontravam, à saúde da criança, ao ambiente hospitalar e sua humanização. As gravações foram realizadas após as suas participações nas sessões práticas de música e após a assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE). Houve ainda, registros em caderno de campo das sessões.

Os depoimentos recolhidos foram avaliados pela ferramenta de análise qualitativa e quantitativa conhecida como *Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* de Lefevre (2015), que gera categorizações de respostas encontradas nos depoimentos, produzindo, finalmente, discurso(s) final(ais), caracterizando a síntese dos diversos discursos. De acordo com o autor:

[DSC é] um discurso síntese elaborado com pedaços de discursos de sentido semelhante reunidos num só discurso. [...] é uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos [...] que permite, através de procedimentos sistemáticos e padronizados, agregar depoimentos sem reduzi-los a quantidades. [...] Em uma palavra, o DSC constitui uma técnica de pesquisa qualitativa criada para fazer uma coletividade falar, como se fosse um só indivíduo. (LEFEVRE, 2015, p. online).

3.1. Preceitos Éticos

Foram observados os preceitos éticos que envolvem a pesquisa com seres humanos segundo a Resolução 196/96 reformulada na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido à apreciação de duas comissões: 1) Comitê de Pesquisa e Ética do Instituto da Criança, do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e 2) Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa – CAPPesq, da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.

4. Desenvolvimento / Descrição

As atividades, em grupo ou individuais, aconteceram em diferentes espaços, entre esses a brinquedoteca e corredores, além dos quartos/leitos com pacientes em isolamento ou limitados de movimentos. Incluíram práticas musicais criativas, em que as pessoas realizaram, de forma mediada, jogos rítmicos/sonoros, improvisações com sons vocais ou com seus próprios nomes, construíram pequenos instrumentos e objetos sonoros; participaram ativamente em roda ou individualmente de jogos e brincadeiras musicais tradicionais, por exemplo, Uá-ta-tá e Escravos de Jó. Puderam cantar canções do imaginário popular, algumas por elas conhecidas, outras não, tais como No caminho da roça, A canoa virou, A caminho de Vizeu, ou do seu próprio repertório como músicas da MPB, sertanejo, gospel etc. Trabalhou-se com as pessoas a percepção e a sensibilização de elementos básicos em música, a saber, ritmo, timbres, volume e intensidade.

As ações ocorreram de acordo com o grupo reunido e com as condições físicas das crianças, por exemplo, se estavam ou não atadas a um equipamento vital ou de soro – que dificultava seus movimentos de braços e sua locomoção –, se as crianças tinham tomado medicamentos que afetavam suas capacidades de reação. Foi dada especial atenção ao tempo que cada criança conseguia manter-se na atividade, antes do cansaço físico ou mental. A duração das práticas sempre era determinada pelos sujeitos, respeitando-se seus ritmos e necessidades.

5. Resultados / Discussão

Tomam-se como pontos de discussão algumas respostas analisadas pelo discurso do sujeito coletivo (DSC). Recordando que tais respostas são discursos que congregam o pensamento de um sujeito coletivo, singular, síntese do pensamento plural de uma

coletividade, produzido pelos diversos discursos dos indivíduos pesquisados e não mais simples opiniões pessoais.

De acordo com o DSC, os depoimentos mostram que os sujeitos jogaram e participaram de atividades lúdicas/musicais/sonoras, cantaram canções, construíram e tocaram instrumentos, fizeram improvisações com a voz e sons com partes do corpo e pesquisaram sonoridades com os objetos disponíveis e/ou construídos por eles, assumindo uma postura ativa e participante que motivava tanto a si mesmos como às pessoas próximas.

DSC Pergunta 5.profissional / *quando você [saía] do quarto e a criança tava cantando, tava com aquela energia boa. / [...]*

DSC Pergunta 5.acompanhante / *[...] é uma distração ter / criança brincando. / [...] a gente ali junto, brincando e rindo. / Ontem, a gente tava cantando uma das musiquinhas. / [...] a gente quase não brinca, / quando / tá em casa, trabalha / foi bom, a gente ali junto / interagindo com [a] criança de uma forma maior, / pertinho uma da outra. [...] a criança aprende uma coisa nova, / [...] a gente aprendeu muitas coisas novas sobre instrumentos, sobre o som / [foi] a primeira vez que eu escutei esse som. [...] a gente aprende, / minha criança quer ensinar a irmã quando [ela] vem aqui à noite / “aí, eu aprendi isso e isso” / até a historinha que ela escuta ela tá contando pra irmã.*

DSC Pergunta 3.acompanhante / *Eu acho que aprendeu [música]. Ela cantou e a música diverte, envolve a gente, [...] A gente acaba se envolvendo, e não só a criança. [...] com certeza. As crianças aprendem, aprende, sim, / [...] com certeza / aprendem porque / tavam tocando, brincando, / porque criança gosta bastante de músicas infantis, / aprende, sim. / [...] a partir do momento que você aborda a escuta, talvez a melodia, ou esse som dos animais /, ou que som você escuta quando tem essa continha [pedrinha] menor, / essa continha maior, um som mais agudo, um som mais grave, [...] você começa a dar noção, sim, de música. A partir do momento que você fez instrumentos diferentes, quando a criança teve a curiosidade de fazer instrumento diferente, de ter a percepção de sons diferentes, e essa criança conseguiu, além de perceber isso, reproduzir pra outras crianças, eu acho que isso é aprendizado, é percepção e aprendizado de música. Eu não posso dizer que ela tá aprendendo música no termo, “ah não, uma formação musical”, que pra isso ela precisaria estudar pra isso, mas um aprendizado de música, eu acredito que sim.*

Ressalta-se que, de acordo com o discurso do sujeito coletivo (DSC), a interação e a participação ativa nas atividades musicais geraram aprendizado, destacando que, com a prática, se desenvolve a experiência, ainda que seja de modo informal ou não formal. Os DSC das crianças e acompanhantes também apontaram o ganho de aprendizagem, afirmando que os sujeitos foram estimulados e se interessaram ao cantarem, tocarem e dançarem, assimilando e replicando o que aprenderam e depois compartilhando-o com outras pessoas.

Verifica-se que as atividades sonoras/musicais/lúdicas podem ser associadas a processos de ensino e aprendizagem. As manifestações do sujeito coletivo apontam que as crianças tiveram um grau significativo de motivação, assumindo muitas vezes um papel ativo que interferiu em seu processo de desenvolvimento, fator que ganha relevância se consideradas sua saúde, as condições clínicas, medicamentosas, emocionais e psíquicas. O sujeito coletivo responde que foi possível aprender música, tocar um instrumento ou cantar e

fazer sons diferentes. Observa-se que as atividades sonoras/musicais também foram associadas à dança, outra categoria de arte, correlata.

DSC Pergunta 3. crianças – maculino / *Sim... eu acho que sim (aprendeu), porque ela (criança) gosta de tocar, e [se] ela faz isso, é porque / aprendeu a música. Acho, sim. Elas devem ter aprendido a cantar, dançar, elas têm agora uns instrumentos bem legais, e eu também tenho alguns instrumentos bem legais.*

DSC Pergunta 3. crianças – feminino / *Sim. Acho que sim, porque elas aprenderam a fazer som diferente, essas coisas. Porque elas tavam se divertindo e porque / tinha instrumentos. Elas devem ter aprendido um monte de música legal.*

DSC Pergunta 4. acompanhantes-profissionais (recorte) / *elas (crianças) felizes cantando as músicas, / querendo cantar uma música / iam gostar / as crianças no quarto, isoladas, / não podem sair pra interagir lá fora com as outras crianças. / [...] ia ter uma interação entre as pessoas que estavam no quarto, / entre paciente, mãe, com o pesquisador também, funcionário.*

Retomando o pensamento de Small (1999), em diversos trechos do DSC dos acompanhantes, fica evidente o aspecto do encantamento, intrínseco à música, às artes, aos jogos em geral, e que podem ser relacionados ao ritual. No encantamento, o tempo real e o metafísico se mesclam; passado e presente se fundem numa experiência transcendente, única e, em muitos casos, transformadora.

DSC Pergunta 5. acompanhantes / *Alguns minutos, enquanto eu cantava ou que a gente fazia a brincadeira, pude sair fora daqui, sair um pouco de toda essa tensão que a gente vive. [...] E pra mim, sem comentários, foi muito bom. Eu me senti voltando pra infância, eu voltei a ser uma criança. [...] Quando você tava contando histórias, tava cantando, / eu tentei cantar com você, então, eu voltei a ser uma criança.*

O material analisado sugere, mesmo embrionariamente, uma percepção coletiva dirigida a um sentido de interação de toda a comunidade, não focada apenas na criança, mas em todo o coletivo – e ainda nas relações humanas geradas naquele espaço, de modo amplo. Nesse sentido, não seria a música um catalisador desse processo?

Apresentaram-se, ademais, respostas que apontam que os processos ocorridos do fazer musical ensejaram procedimentos de ensino e aprendizagem, derivados da atuação dos envolvidos, que cantaram, tocaram, dançaram, construíram instrumentos etc. Por sua vez, esses processos não estariam corroborando os aspectos que envolvem os princípios da música relativos à sua atuação, no ato de “musicar”, como o propõe Small (1999)?

Considerações Finais

A observação empírica e a dos dados bibliográficos consultados apontaram indícios de que as ações da música e da educação musical nas unidades de saúde ainda tem história

recente e uma produção acadêmica que necessita ser mais bem elaborada, tanto em conteúdos como em materiais de formação. Atitudes práticas e educativas poderiam ser enriquecidas ao se levar em conta a capacidade de conexões que tais campos são portadores em potencial.

Pelas características específicas do espaço da enfermaria, as proposições de Small apoiaram os modos de atuação que ali ocorreram. O fato de se apropriar do termo “musicar”, possibilitou mediar a atuação das pessoas com outras formas do fazer musical, além daquelas que eram comuns naquele ambiente. O ato de construir instrumentos, improvisar com ritmos e sonoridades, fazer sons com o corpo ou com a voz e cantar significou, naquele local, uma experiência que modificaria suas referências sonoro-musicais. Cantar enquanto era agulhado para tirar sangue, permitiu que, tanto o paciente como a profissional, participassem de uma vivência humana que talvez desconhecassem. Pergunta-se, portanto, se todas essas atuações não estariam intermediadas, em algum nível, pela ação da música? Não poderiam ser relacionadas ao pensamento do musicar?

Espera-se que, ao final, a análise realizada e os apontamentos registrados venham a servir, também, de fundamentação para uma discussão mais ampla das problemáticas levantadas no presente texto e que sejam gerados novos e aprofundados estudos sobre o tema. Espera-se, ainda, que possam ser elaborados cursos e materiais de formação para os profissionais das áreas envolvidas.

Referências

FLUSSER, V. *Músicos do Elo: músicos atuantes humanizando hospitais*. Documentário Vídeo de Luiz Fernando Santoro. Fotografias de Christophe Meyer, Nuno Saraiva e Gerson Camargo. São Paulo: Annablum, 2013.

FONTEERRADA, M. T. de O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. – 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

GAINZA, V. H. *Estudos de Psicopedagogia musical*. Trad. de Beatriz A. Cannabrava. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988. (Coleção novas buscas em educação; v. 31)

LEFEVRE, F. *Discurso do sujeito coletivo*. Disponível em: <http://www.fsp.usp.br/quali-saude/Discurso_o_que_e.htm>. Acesso em 19 mar. 2015

SMALL, Christopher. El musicar: Un ritual en el Espacio Social. *Revista Transcultural de Música*. Transcultural Music Review #4 (1999) Disponível em: <<http://www.metro.inter.edu/facultad/esthumanisticos/ceimp/articles/El%20Musicar-Un%20ritual%20en%20el%20Espacio%20Social-Christopher%20Small.pdf>> Acesso 14 abr. 2016.

SWANWICK, K. *Música, mente e educação*. Tradução Marcell Silva Steuernagel. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.